



Apropriação do *Blog* na escola como ferramenta Educomunicativa¹

Marília Fontenele Magalhães MUNIZ²
Maria das Graças Amaro da SILVA³
Universidade Federal de Campina Grande, PB

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é analisar e relatar a prática de uso pedagógico do *Blog* tendo por base uma oficina aplicada junto a professoras de escolas das redes públicas e particulares das cidades de Fortaleza e de Caucaia, no estado do Ceará, Brasil, cujos objetivos giravam em torno de promover, incentivar, criar e analisar a prática de uso pedagógico do *Blog*, como forma de disseminar a produção de conhecimento e a horizontalidade entre os saberes acadêmicos e cotidianos, bem como levar aos participantes do projeto a possibilidade de estreitar os laços entre eles e os alunos no mundo virtual.

PALAVRAS-CHAVE: *Blog*. Educação. Educomunicação. Comunicação.

INTRODUÇÃO

Admitir que vivemos na Era Digital não é novidade e muito menos uma grande descoberta. Passar pela transição entre o mecânico e o eletrônico e entendê-la pode ser fácil para uns e difícil para outros. Essa transição é marcada pela evolução dos meios de comunicação. E, é a partir desses pensamentos, que procuramos conhecer mais sobre o que se entende por comunicação.

Paulo Freire afirma que não há educação sem comunicação e que o contrário é difícil de acontecer também. Porém, para o modelo bancário de educação assumir tal afirmativa, seria negar toda uma tradição em que o professor (o detentor do saber e da verdade) fala e o aluno (depósito passivo de informações) escuta e não tem o direito de questionar as informações que está recebendo. Essa situação pode ser comparada aos meios de comunicação de massa tradicionais, uma vez que não há interação entre o canal emissor e os espectadores.

A escola está inserida nessa realidade, pois ela é constituída por seres que compõem o cenário social e seria inevitável que as mídias não transitassem por tal local, mas a problemática é: como esse sujeito está sendo educado para a recepção dessas

¹Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015.

² Bacharela em Comunicação Social com linha de formação em Educomunicação da Universidade Federal de Campina Grande, email: marilia_munizz@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora Dr^a do Curso de Comunicação Social com linha de formação em Educomunicação da Universidade Federal de Campina Grande, email: gracamaro@hotmail.com



informações? Os meios de comunicação de massa não envolvem seus telespectadores, ouvintes e leitores na produção de conteúdo, ou seja, o sujeito é tido apenas como receptor de toda a informação emitida.

Para contrapor-se essa realidade, surgiu a internet e, logo depois, seu modelo interativo: a web 2.0. Castells (1999), em sábia análise, declarou que o século passado e o presente são considerados os da “Sociedade da Informação”. Essa sociedade, especialmente aquela que encara a convergência dos meios de comunicação, é inserida por Pierry Lévy (1999) no contexto da “Cibercultura”.

Foi a partir das concepções, há quem afirme que todas as características que envolvem a “Cibercultura” e a “Sociedade da Informação” se encontram através dos *blogs* e que, estes, unidos ao fato de que o ato de educar requer comunicação e, conseqüentemente, interação entre os participantes, decidimos utilizar a plataforma não mais como um diário pessoal ou como mais um meio jornalístico, mas sim como uma ferramenta educativa no espaço formal (pedagógica), de construção coletiva de conhecimento.

COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E EDUCOMUNICAÇÃO

Bordenave (2006, p.17) afirma que “a comunicação foi o canal pelo qual os padrões de vida de sua cultura foram-lhe transmitidos, pelo qual aprendeu a ser “membro” de sua sociedade [...]”. Ou seja, é por meio das interrelações pessoais, independente do canal em que ela se concretiza, que o ser humano aperfeiçoa-se e recebe/transmite conhecimento, saberes e informações.

Atualmente encaramos um cenário que envolve todas as formas de comunicação. O homem continua a utilizar-se do corpo para se expressar, e apresenta, como uma de suas marcas principais, a oralidade e a escrita.

Segundo Setton (2011), o que antes não revelava como o espectador recebia as mensagens, passou, então, a ser o objetivo de estudo. Essas investigações foram denominadas de Teorias da Recepção. A visão latino-americana dos estudos culturais nasceu como uma forma de, segundo Orozco (1997, p.130 apud Escosteguy e Jacks, 2005, p.54) “desideologização dos estudos em comunicação, principalmente na emergente corrente de estudos empíricos em que se recupera o papel do sujeito nas suas múltiplas relações com os diferentes meios de comunicação.”.



Nesse contexto, iniciava-se a busca pelo reconhecimento do mundo em que o receptor encontrava-se. Os estudos latino-americanos deram vazão à realidade cultural do sujeito e observaram que a recepção, segundo Martín Barbero (1995, p.39),

não é apenas uma *etapa* do processo de comunicação. É um *lugar* novo, em que devemos repensar os estudos e a pesquisa de comunicação. Ela não é uma etapa como sugerido pela escola norte-americana, que de algum modo nos impingiu uma espécie de história artificial, durante anos estudada pela sociologia, essencialmente a economia do emissor, e, posteriormente, pela análise semiótica da ideologia da mensagem.

Tal como a comunicação, a educação é intrínseca à vida do ser humano. Para Neto (2010, p.27), “*Educação é o ato de educar.*”. Segundo Braga e Calazans (2001), a educação é um sistema organizado de aprendizagem. Os aludidos autores afirmam que o homem é um ser de interações e a aprendizagem nada mais é do que a troca de saberes. Assim, podemos inferir que a educação é corriqueira no cotidiano dos seres humanos no tocante a todos serem sujeitos que aprendem.

A educação, na tradição mais longínqua, tem uma função de sedimentar os conhecimentos e valores desenvolvidos na sociedade, e assegurar sua manutenção no tempo, através de sua passagem às novas gerações. (BRAGA e CALAZANS, 2001, p.46).

Além dos ambientes formais e informais de educação, temos a educação não formal que, segundo Vercelli (2013), pode ser considerada fruto das mudanças de ordem social, tecnológica e econômica na década de 1970. Os fatores, mais expressivos, segundo ela, são o:

[...] aumento da demanda de educação para os setores excluídos da escola, entre eles educação de adultos, idosos e mulheres; formação continuada decorrente de transformação no mundo do trabalho; as mudanças na estrutura familiar que necessitava de novos meios educacionais para atender as crianças enquanto as mães trabalhavam; desenvolvimento de tecnologias que favorecem o aprendizado fora do âmbito escolar etc [...] (2013, p.5)

Por esta razão, as instituições que compõem o terceiro setor vêm ganhando forma e força. A referida autora afirma que os fatores citados continuam em evidência e essas ações são válidas, principalmente, para a parte da população excluída. Para Weber (1998 apud Gramsci), a educação não deve ser vista apenas como função escolar, mas sim como parte integrante dos sistemas de sindicatos, partidos políticos, lutas e práticas



cotidianas e os meios de comunicação de massa. Todos são responsáveis pela educação de uma sociedade, uma vez que são formadores de opiniões. No entanto, iremos focar nossa pesquisa no meio formal de ensino: a escola.

Citelli (2014) afirma que o mundo passou/passa por transformações em todos os setores e, a escola, por sua vez, não é ileso a tais mudanças. Segundo o autor, as novas tecnologias estão presentes na vida dos alunos como uma “escola paralela”, onde se aprende por afinidade dos assuntos, trazendo a tona o modo bidirecional de comunicação. Deste modo, a escola tradicional que continua com o modelo unidirecional de comunicação (em que um fala e os outros apenas escutam), alheia às práticas de diálogo, às novas linguagens e à atualização de seus profissionais para as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC’s) entra em confronto com a situação atual.

Trata-se de encontrar, no interior dos espaços educativos descentrados, o novo lugar da escola como instância que pode e deve vivificar a aprendizagem, investindo na construção do saber, do pensamento crítico, do prazer de conhecer e criar. (CITELLI, 2014, p. 38-39)

O homem vive em comunidade e a co-participação deve ser presente na construção desses saberes culminando, assim, em uma comunicação, em que ações de interação e de reciprocidade devem ser praticadas. A partir da necessidade de estudos voltados para essa área de atuação entre educação e comunicação e do homem em relação às duas áreas, surgiu um novo campo para compreender as ações tomadas nesse novo modelo de comunicação, que objetiva a participação do povo na produção de materiais e no reconhecimento da função educativa dos meios comunicativos.

Segundo Soares (2011), o neologismo “Educomunicação” foi publicado pela primeira vez em 1999, na revista “Contato”, mas coube à revista “Comunicação & Educação” conceituar o termo. Para o autor, Educomunicação pode ser entendida como

um campo de ação emergente na interface entre os tradicionais campos de educação e da comunicação, apresenta-se, hoje, como um excelente caminho de renovação das práticas sociais que objetivam ampliar as condições de expressão de todos os seguimentos humanos, especialmente da infância e da juventude. (SOARES, 2011, p. 15)

Além de ser considerada uma prática social com base na interface comunicação e educação, Soares (2006) observa que o que é singular nessa relação é a ação de gestão aplicada nas metodologias. O que se entende por gestão aqui não corresponde a uma



ação isolada e sim a *co-gestão*, em que todos participam por meio do diálogo e põem em prática seu direito cidadão e sua autonomia quanto sujeitos atuantes na comunidade (bairro, ONG's, espaços formais de educação etc.) em que vivem.

MÍDIA E ESCOLA

Entre 1969 e 1995, a internet passa por desenvolvimentos dentro das bases militares e das universidades. Segundo o aludido autor (*idem*), essa rede que interliga computadores só chegou à comunidade civil em meados de 1995 e afirma que, em uma pesquisa realizada no ano de 2000, o poder americano sob a produção de conteúdo chegava a 65% em relação à produção mundial. A partir dessa evolução, a *World Wide Web* ou simplesmente Web passou a ser considerada a forma de divulgação de informações mais conhecida dessa grande rede de interligação chamada Internet.

Cloutier (2012) apresenta um panorama interessante em relação ao resgate do sentido de interação durante a evolução da comunicação como um todo. Com a chegada da internet, o homem volta a sua condição de ser o que o autor denomina de “emerec”, desta forma, o homem pode ser receptor de mensagens e ser emissor de mensagens em um novo meio, classificado como virtual.

Para Lévy (1999, p.248), “a cibercultura inventa uma outra forma de fazer advir a presença virtual do humano frente a si mesmo que não pela imposição da unidade de sentido.”. Assim, a cibercultura representa a globalização, a não totalidade cultural. Se Lévy observa a cibercultura por este ângulo, Lemos (2006) nos apresenta a cibercultura como uma recombinação cultural. Ele explica que

As novas tecnologias de comunicação e informação serão vetores de agregação social, de vínculo comunicacional e de recombinações de informações as mais diversas sobre formatos, variados, podendo ser textos, imagens fixas e animadas e sons. A cultura “pós-massiva” das redes, em expansão com *sites*, *blogs*, redes de relacionamentos como o Orkut, troca de fotos, vídeos e músicas em sistemas como o Flickr, YouTube e redes *P2P*, mostra muito bem o movimento de recombinação cultural em um território eletrônico em crescimento planetário. (LEMOS, 2006, p. 38-39)

Lemos (2002) associa ainda o rápido desenvolvimento das ferramentas tecnológicas ao “abismo” entre os incluídos e os excluídos. Deste modo, podemos afirmar que a ciberdemocracia não atinge a todos e, assim, a parte da população que permanece distante dessa realidade desconhece dos seus direitos e dessa ferramenta para a liberdade de expressão.



É inegável que as novas tecnologias estão em todos os setores sociais. A escola, por sua vez, não está excluída de tal realidade. Segundo Andersen (2013), tal instituição de ensino formal vem aderindo aos poucos as inovações tecnológicas, tentando transformar o ensino tradicional. Porém, Moran (1993) e, mais tarde Citelli, (2014) afirmam que a escola ainda anda em passos lentos para essa transformação, ou seja, existe um abismo entre a cultura de ensino do professor e as novas formas de aprender do aluno. Atentos, então, a esse poder que os meios de comunicação de massa e as mídias digitais possuem de transmitir mensagens/conhecimentos, Setton (2011) certifica que este ato é pedagógico.

Já Penteado (1998), entretanto, chama-nos a atenção para compreender que somente os usos das mídias em sala de aula não compõem um trabalho pedagógico. A aludida autora lembra-nos de que os meios de comunicação são extensões do ser humano, pois a comunicação é o ato intrínseco ao homem e de nada adianta utilizá-los de forma arbitrária, solitária e ineficaz no planejamento. Para ela esta nova conduta que envolve os métodos pedagógicos e comunicativos deve abranger ações que estimulem a combinação de pontos de vista diferentes, provocação de reflexões e de diálogos para a construção coletiva de conhecimento.

Deste modo cabe a nós, segundo Porto (1998), considerar o aluno não mais como receptor dos conhecimentos sólidos do professor, conforme já defendia Freire (1970). Este novo aluno é “[...] portador de objetivos, posicionamentos, conteúdos e/ou experiências referentes aos temas focalizados [...]” (PENTEADO, 1998, p.19). Com a mudança do perfil do aluno, o professor também deverá passar por transformações.

Voltando nossa atenção aos espaços virtuais que são, naturalmente, “presenciados” nos computadores, iremos considerar o *blog* como um perfeito exemplo dos ambientes de interação, comunicação e aprendizagem. Spadaro (2013, p.13) refere-se ao termo como

[...] um espaço virtual, administrado, autonomamente, que permite publicar uma espécie de diário pessoal ou, mais geralmente, conteúdos de qualquer tipo que aparecem em ordem cronológica, do mais recente ao mais antigo, que são conservados num arquivo sempre consultável.

Ou seja, o *blog* tornou-se uma versão de diário eletrônico em que, diferentemente da sua versão original, os conteúdos estão *on line* e disponível para a sociedade cibernética. Esse espaço surgiu em 1997, conforme Marinho (2007), e era conhecido como *Weblog* (Web = rede; Log = registro), que logo ficou sendo chamado por sua abreviação: *blog*. Essas páginas, que podem ser consideradas um produção da



evolução da Web 2.0, são sites de livre acesso, cujo usuário não precisa ter conhecimentos específicos de linguagem de produção para *websites* (linguagem HTML).

Richardson (2006 *apud* Marinho, 2007) apresenta cinco características que apresentam o *blog* à sociedade docente como um caminho a ser utilizado: 1) É uma ferramenta construtivista, um método que pode ser utilizado para a criação comunitária de textos, o desenvolvimento do pensamento crítico; 2) Por estar na rede mundial de computadores, ele não fica registrado somente a sala de aula, a página pode se estender à sociedade como um todo, sendo; 3) Deste modo, o *blog* torna-se uma ferramenta democrática de escrita, em que alunos, professores e comunidades podem interagir por meio de comentários às postagens ou de e-mails enviados ao administrador da página; 4) Possui a ferramenta de arquivar o que já foi produzido, podendo ser acessado a qualquer momento; 5) Proporciona aos internautas o desenvolvimento da leitura e da escrita.

Assim, podemos perceber que o professor e o aluno só têm a ganhar com o uso dessa mídia em sala de aula. A função pedagógica do *blog* pode ser explicada por Vygotsky (1988) e sua visão sociointeracionista na educação. Segundo o mesmo (*idem*), tem-se o desenvolvimento da linguagem (meio de interação) e da gênese social, com isso, a cognição do indivíduo se dá pelo meio em que vive e das pessoas com as quais interage. O *blog*, nesse caso, pode agir como ferramenta para o desenvolvimento da linguagem e das ações sociais do aluno com o mundo.

METODOLOGIA

A presente pesquisa se caracteriza como qualitativa e como Pesquisa-Ação.

Esta pesquisa é referente à aplicação de uma oficina sobre o uso do *blog* como ferramenta pedagógica com professores. A oficina foi realizada no dia 16 (dezesesseis) de janeiro de 2015 (dois mil e quinze), no Laboratório de Informática da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Edgard Vieira Guerra, situada na cidade de Caucaia, pertencente à Região Metropolitana de Fortaleza, Ceará. Na oficina, contamos com a presença de 8 (oito) professoras que lecionam em escolas públicas e particulares das cidades de Fortaleza - CE e Caucaia - CE.

A oficina denominada “Oficina de Blog: Como torná-lo um ambiente de comunicação/educação participativa?” teve por objetivo principal promover, incentivar



e analisar a prática de uso pedagógico do Blog. Desta forma, a prática deu-se por meio da exposição de conceitos e do conhecimento prático das ferramentas da plataforma supracitada com professores pertencentes à rede pública e privada de escolas localizadas nas cidades de Fortaleza e de Caucaia, no Estado do Ceará.

O público escolhido para a disseminação das práticas pedagógicas do uso do *blog* é de profissionais docentes lotados em salas de aula do Ensino Fundamental. A escolha se deu por reconhecermos que eles são agentes multiplicadores de conhecimento e são responsáveis por levar informações e recodificá-las juntos aos seus alunos.

Nós entendemos que a aplicação de uma oficina baseada nas novas mídias para o público docente deve apresentar: a sociedade se está vivendo, o papel das novas mídias em sala, a visão da educação com base no diálogo e a apresentação teórica do que é um *blog*. Nessa perspectiva, explicamos, com base nos estudos de Manuel Castells (1999), a Sociedade da Informação e como se configuraria o profissional da educação que tem o diálogo como base, segundo Paulo Freire (1970). Logo após, apresentamos as características que oferecem o diálogo presentes na plataforma.

Conferimos o passo a passo para que uma conta no *Gmail* seja feita e os passos subsequentes para a configuração da página do *blog*. Em meio à apresentação das ferramentas que compõem o *blog*, foi solicitado que as participantes fossem tomando as decisões do que podemos denominar de “linha editorial”⁴. Cada dupla definiu qual assunto seria abordado nas páginas. Todas as duplas conseguiram fazer a página. Três das quatro duplas formadas conseguiram fazer a primeira postagem sem problema algum. A quarta dupla ficou impossibilitada de fazer a publicação, pois teve um problema com a conexão da internet.

A fim de divulgar os *blogs* em sala, pedimos para que as páginas fossem apresentadas obedecendo aos seguintes pontos: nome da página, qual a linha editorial escolhida e como cada dupla poderia encontrar o *blog* apresentado por meio do endereço. Foram dados alguns minutos para que os endereços fossem encontrados. As duas duplas que haviam conseguido postar textos “se encontraram” no espaço virtual. A partir desse momento, foi solicitado que elas realizassem comentários nos *blogs* encontrados. O terceiro *blog* não realizou nenhum comentário, mas recebeu um com

⁴ “A **linha editorial** orienta o modo como cada texto será redigido, define quais termos podem ou não, quais devem ser usados, e qual a hierarquia que cada tema terá na edição final (seja em páginas do meio impresso ou na ordem de apresentação do [telejornal](#) ou [radiojornal](#) e na web).” Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Editorial>> Acesso: 23/02/2015.



felicitações de boas vindas ao espaço virtual. Esse foi o momento mais crítico da oficina, uma vez que a internet parou de funcionar em todos os computadores. Aproximadamente 10 (dez) minutos depois, a internet voltou a funcionar em dois dos computadores, possibilitando a realização dos comentários.

Neste momento, depois que algumas das participantes já terem posto em prática a ferramenta de interação do *blog*, pedimos para que todas elas pensassem em tudo o que tinha sido apresentado durante a oficina e como aquelas informações poderiam ser aplicadas em sala de aula. Demos 20 (vinte) minutos para que cada uma das duplas entrasse em consenso, escrevessem e depois defendessem suas ideias para as outras participantes. O interessante dessa dinâmica é poder dar voz a quem estava na sala e fazer com que houvesse interação na construção do planejamento.

Após a apresentação dos planos, foi passado um questionário para que informações sobre o tempo de profissão, onde ensinam e a relação das participantes com as novas mídias em sala de aula e no dia a dia fosse registrada. Ao terminar de responder o questionário, havia um *breakfast* preparado para as professores como um momento de convivência e de troca de experiências.

RESULTADOS

Obtivemos, como resultado, quatro *blogs*, três com postagens e comentários e um em fase de construção, sem postagens, devido às condições de rede. Para cada uma dessas páginas, foi elaborado um plano com atividades que poderão ser desenvolvidas ao longo do ano juntamente com os alunos. É relevante informar que apenas uma das professoras/participantes da oficina conhecia a sistemática do uso pedagógico da plataforma.

É importante observar que mais da metade das participantes não tem o hábito de usar a linguagem midiática dentro de sala. Apesar dessa realidade, as respostas foram receptivas quanto à apresentação do *blog* e de suas ferramentas. De acordo com uma das participantes, o uso do *blog* em sala pode ser um aliado na aproximação professor-aluno, além de oferecer recursos atrativos para crianças e adolescentes. Completando esta ideia, uma segunda participante traz em sua fala que o *blog* pode ser um elo entre a escola e a sociedade em que ela se encontra.

Além dos resultados voltados para a funcionalidade da plataforma em sala de aula, percebemos que, apesar do reconhecimento de suas ferramentas e o quão



interessante pode ser o seu uso em sala de aula, o acesso à *internet* nas instituições, públicas e particulares, ainda é deficitário. Das oito participantes, apenas uma afirma que usa da ferramenta como fonte de pesquisa juntamente aos alunos. As demais alegam que existem dificuldades quanto à conexão ou que esta é inexistente.

A escola em que aplicamos a oficina, segundo uma das participantes, poderia servir de exemplo para sabermos qual a realidade das salas de informática na maioria das escolas públicas das duas cidades (Fortaleza; Caucaia). São computadores quebrados ou desativados por falta de manutenção e rede de internet com instabilidade de conexão. As escolas particulares também receberam críticas quanto aos laboratórios e aos equipamentos instalados em sala de aula (*Datashow*, computadores). Podemos perceber, desta forma, que a importância que é dada à relação do aluno e do professor com as novas mídias é pouco expressiva.

É neste ponto que acreditamos na participação efetiva da Educomunicação como campo de estudo de interface educação/comunicação, como campo de intervenção de mediação tecnológica na educação. O compromisso é levar ações que apresentem ao público docente as ferramentas disponíveis nos meios de comunicação em geral e provar a usabilidade de cada meio de comunicação sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada se difere tanto pelo seu público, uma vez que a maioria nunca havia tido contato com a plataforma do *blog*, e pela oficina não mostrar o objeto de pesquisa somente pelo lado técnico, mas pelo fato de incentivar as participantes a pensar em como ela seria utilizada como mais um recurso pedagógico. O trabalho objetiva ir além, proporcionar aos professores a visão da utilização do *blog* como aliado.

A Educomunicação, enquanto campo de pesquisa, ofereceu-nos suporte prático e teórico para que a oficina fosse desenvolvida, pois, com base na epistemologia do campo, é que podemos enxergar que o que se busca durante toda a prática é o êxito quanto aos aprendizados com base no diálogo e no desenvolvimento do pensamento crítico quanto ao mundo. A proposta da Educomunicação é formar agentes multiplicadores de ações como esta, que levem novos conhecimentos e que o protagonista, neste caso configurado na personagem do professor, deixe de ser o detentor do saber, em um local unitário e solitário, e passe a perceber seu posicionamento horizontal perante os demais.



Os objetivos desta pesquisa foram alcançados no tocante a conseguir transmitir os conhecimentos sobre a plataforma de modo não arbitrário, deixando com que as participantes tomassem todas as decisões durante todo o processo, desde a escolha do nome, do layout e da linha editorial que o *blog* iria seguir e, também, que tivessem a oportunidade de estar do outro lado da linha de transmissão midiática de informação.

Nós defendemos que o ensino da leitura crítica das novas e das velhas mídias deve ser um dos pontos principais da educação formal brasileira. Formar para e com as mídias faz a diferença na construção do cidadão, enquanto formador de opinião. São experiências como esta que começam a modificar o cenário em que nos encontramos, pois é a partir desse tipo de atividade que a grande mídia se revela à comunidade educadora, não mais como uma produtora unitária e solitária de informações, mas sim como um ponto de abrangência de participantes dessa produção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBERO, Jesús Martín-. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton de. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campina-SP: Autores Associados, 2001.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina. **Comunicação e Educação: questões delicadas na interface**. São Paulo: Hacker, 2001.

BRITTO, Rovilson Robbi. **Cibercultura: sob o olhar dos Estudos Culturais**. São Paulo: Paulinas, 2009.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. **Além dos Meios e Mensagens: introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

BURBULES, Nicholas C.. Riscos e promessas das TICs para a educação. O que aprendemos nesses últimos dez anos?. In: APARACI, Roberto. **Conectados no ciberespaço**. São Paulo: Paulinas, 2012.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**, vol. 3. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CITELLI, Adilson Odair. Educação e mudanças: novos modos de conhecer. In: CITELLI, Adilson (coord.). **Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, Rádio, jogos, informática**. São Paulo: Cortez. 5ª ed. 2014.

COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídias**. São Paulo: Cortez. 2ª ed. 2013.



- FREIRE, Paulo. **A educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1981.
- _____. **Extensão ou comunicação?**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª ed. 1970.
- JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- KAPLÚN, Mario. **Una Pedagogía de la Comunicación**. Madrid: Ediciones de la Torre, 1998.
- KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas-SP: Papyrus, 8ª ed. 2012.
- LEMONS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- _____. **O que é virtual?**. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- _____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999..
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 5ª ed. 2003.
- MARINHO, Simão Pedro P.. **Blog na Educação & Manual Básico do Blogger**. Belo Horizonte-MG: PUCMG, 2007.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.
- MORAN, José Manuel. **Leituras dos meios de comunicação**. São Paulo: Pancast, 1993.
- NETO, Manoel Dionizio. **Questões para filosofia da educação**. Campina Grande: EDUFCEG, 2ªed. 2010.
- NUNES, Alana; SILVA, Silvana. Vlogando em sala de aula: relato de um trabalho com discursos narrativos através de tecnologias multimídia. In: ANDERSEN, Elenice Maria Larroza (org.). **Multimídia digital na escola**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- OLIVEIRA, Ricardo. **Blogs: cultura convergente e participativa**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2010.
- PENTEADO, Heloísa Dupas. Pedagogia da comunicação: sujeitos comunicantes. In: PENTEADO, Heloísa Dupas. **Pedagogia da Educação – Teorias e Práticas**. São Paulo: Editora Cortez, 1998.



PEREIRA, José Haroldo. **Curso Básico de Teoria da Comunicação**. Rio de Janeiro: Quartet UniverCidade Editora, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PORTO, Tania Maria Esperon. Educação para a mídia/ Pedagogia da comunicação: caminhos e desafios. In: PENTEADO, Heloísa Dupas. **Pedagogia da Educação – Teorias e Práticas**. São Paulo: Editora Cortez, 1998.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SANTOS, José Manuel; CORREIA, João Carlos (ORGS.). **Teorias da Comunicação**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2004.

SETTON, Maria das Graças. **Mídia e Educação**. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Renato Caixeta da. Discutindo a interação em sala de aula via internet: análise de interações por correio eletrônico. In: MENEZES, Vera Lúcia (org). **Interação e aprendizagem em ambiente virtual**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2ªed., 2010.

SILVA, Ynaray Joana. Meios de comunicação e educação: o rádio, um poderoso aliado In: CITELLI, Adilson (coord.). **Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, Rádio, jogos, informática**. São Paulo: Cortez. 5ª ed. 2014.

SOARES, Ismar. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. A mediação tecnológica nos espaços educativos: uma perspectiva educacional. **Comunicação & Educação**, São Paulo, Ano XII, n.1, jan/abr 2007.

_____. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, São Paulo, (19): 12 a 24, set./dez. 2000.

SOUSA, Mauro Wilton de. Recepção e comunicação: a busca do sujeito. In: SOUSA, Mauro Wilton de. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SPADARO, Antonio. **Web 2.0: redes sociais**. São Paulo: Paulinas, 2013.

VERCELLI, Ligia A.. **Educação Não Formal**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

VYGOTSKY, Lev S., **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WOOD, Julia T. **Mosaicos da comunicação: uma introdução aos estudos de comunicação**. São Paulo: Ática, 2009.